

Oferio
-0. NOV. 1998

142 A
/



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

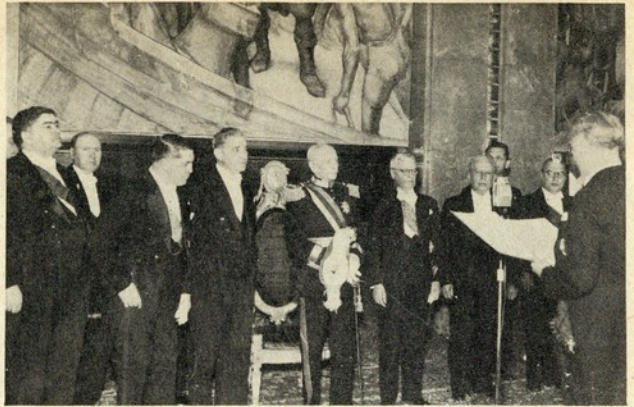
ANO I — N.º 49 — 24 DE ABRIL DE 1942 — PREÇO: 1 ESCUDO

O SR. GENERAL CARMONA, depois de prestar o seu compromisso de honra na Assembleia Nacional, segue, com o sr. Presidente do Conselho, para o Cais do Sodré, recebendo, nas ruas do percurso, as aclamações da multidão.

(Foto Armando Seródio)



O SR. ANTÓNIO FERRO, director do Secretariado da Propaganda Nacional, discursando, perante o sr. embaixador do Brasil e outras altas individualidades, na cerimónia da inauguração da Secção Brasileira do S. P. Nacional.



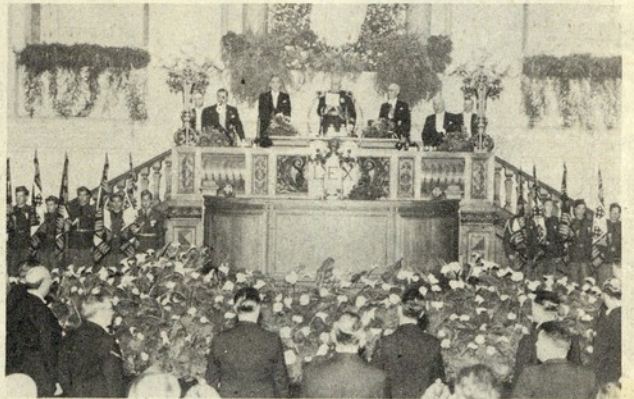
A RECEPÇÃO AO SR. GENERAL CARMONA na Assembleia Nacional, antes da cerimónia do seu compromisso de honra.



O SR. MINISTRO DO INTERIOR condecorando um soldado da G. N. R., durante a recente festa no quartel do Carmo.



UM ASPECTO DA SALA DA ASSEMBLEIA durante a histórica sessão. À esquerda, a galeria com os membros do corpo diplomático em Lisboa.



O CHEFE DO ESTADO lendo a sua mensagem à Assembleia Nacional. À sua direita, o sr. Presidente do Conselho; à esquerda, o sr. dr. José Alberto dos Reis.



O SR. DR. VITORINO NEMÉSIO fazendo na Casa dos Ações a sua conferência sobre Antero do Quental.

VIDA MUNDIAL

DOCUMENTÁRIO SEMANAL
DA IMPRENSA DE TODO
O MUNDO

OS MELHORES ARTIGOS DOS MELHORES JORNAIS
TODOS OS SÁBADOS



Numa
apoteose de
aclamações
o Chefe
do Estado
tomou posse
do cargo
para que
foi eleito pela
terceira vez

TEVE ASPECTOS DE GRANDE APO-
TEOSE a homenagem prestada pelo
povo de Lisboa ao sr. general Carmona
por ocasião da sua posse do alto cargo
de Presidente da República, lugar para
que foi reeleito pela segunda vez. Ao
principiar o seu terceiro mandato, o
Chefe do Estado recebeu a consagra-
ção de milhares e milhares de pessoas
que o aclamaram delirantemente du-
rante a sua passagem, do Palácio de
Belém ao edifício da Assembleia Na-
cional e depois até à estação do Cais
do Sodré, onde seguiu para Cascais.



APRESENTAMOS NESTA PÁGINA dois
aspectos flagrantes das manifestações
populares prestadas ao sr. general Carmona
que dão bem uma ideia do que foi, em
Lisboa, o dia festivo da posse do seu novo
mandato na Presidência da República. Ao
centro, o Chefe do Estado após a cerimónia
do juramento na Assembleia Nacional,
chega a uma das janelas do edifício e é
recebido com vibrantes aclamações pela
multidão que se aglomerava no largo.

panorama internacional

Ser ou não Ser

por Francisco Velloso

O magno acontecimento da oitava, foi a crise política da França que, por ondas concêntricas, se ampliou por todo o ocidente. É preciso o encarar-lo com serenidade— e sobretudo com aquela simpatia profunda que a grande nação latina merece— mas sem ilusões. Não é só a França que está em causa. Trata-se de um grande *tourant* da situação internacional para as potências do Eixo e para os Aliados. A guerra, diziam com razão os alemães, reduz a pó todos os equívocos. O Terceiro Reich conta mais uma grande força de sua banda. Os aliados chegam ao momento de abandonarem por uma vez as atitudes de espectacularidade. Com uma vitória a leste, e a colaboração francesa, Hitler poderia tentar a Nova Ordem e intimidar os pusilânimes. A questão para os aliados é só uma:— impedir-lo a todo o transe, sem demoras, e em toda a parte.

A CRISE FRANCESA



MARCEL DÉAT

No dia 13, um telegrama de Estocolmo, reforçando as notícias dos dias anteriores, revelava que a 11, o marechal Pétain e Pedro Laval haviam decidido «assuntos da maior importância para a futura política do governo de Vichy» e acrescentava que Pétain já pedira a todos os seus ministros que se demitissem «a fim de formar um novo governo, capaz de realizar uma melhor política de colaboração com a Alemanha». Otto Abetz viera de Paris, onde se apalavrara com De Brinon (o fundador encartado do *Comité France-Alemagne* em Novembro de 1935, braço de Laval, e actual embaixador do marechal junto das autoridades alemãs na capital), para expor a Hitler os resultados das negociações franco-alemãs das últimas semanas. Estas notícias procediam directamente do correspondente em Berlim do jornal sueco *Stockholms-Tidningen*.

Marcel Déat, o pseudo-socialista de Bordéus, e um dos autores tenazes da *débâcle* que mais trabalhou nas retaguardas, segundo o indimentado depoimento de Waterfield no seu estrondoso livro *What Happened to France*, para impedir a criação, então ainda muito possível, de uma zona de concentração e a resistência heroica de Paris, Lyon, Dijon, Troyes, Mans, Orleans, e mais cidades— Déat, repetimos, acudiu

logo à emissora de Berlim como avançada, a declarar:

«A França, nas próximas horas, encontrar-se-á numa encruzilhada, em que será resolvido o seu destino para muitos anos. Ninguém pode esperar que a Alemanha continue a travar uma batalha decisiva sem primeiro ter destruído a tração e a intriga que a ameaçam pelas costas.»

Deduzida a agressividade da expressão, que outra coisa senão esta temos nós vindo a dizer há meses e meses, ao referir-nos à deflagração da ofensiva alemã sobre o Mediterrâneo e sobre o Ocidente? Os costados da Alemanha, as suas portas ocidentais estão, como historicamente e geograficamente sempre estiveram, em França. Quando os aliados põem nitidamente o problema da ofensiva, ou de uma nova frente, a primeira necessidade da Alemanha é guardar a sua retaguarda francesa. E o alemão falara em Vichy disjuntivamente nestes termos exactos usados por Déat: «A França tem apenas dois caminhos na sua frente: ou o seu governo declara abertamente o desejo de cooperar com as políticas europeias, ou a Alemanha tomará medidas pela força. Há um ano a França poderia ainda negociar com a Alemanha, mas hoje é muito possível que nem sequer lhe perguntem qual a sua opinião.»

De facto, há quasi um ano, a propósito da ajuda dada pelo general Dentz na Síria à ofensiva germânica de Creta e da Líbia, silvaram tiros recriminatórios entre Vichy, Londres e Washington, Darlan atrava-se contra a Inglaterra, mais uma vez, ameaçando-a com a entrega da esquadra. E Laval, cujo elogioso perfil já foi feito na imprensa portuguesa, aparecia logo a auxiliá-lo, afirmando que a única paz susceptível de ser recebida pela França, era «uma paz permitindo à França associar-se à grande política de colaboração na Nova Europa». E invocava «a sua entrevista com o Führer».

Mostrámos então aqui como Hitler prosseguia em França, mediante a sua gente, a política traçada por Bismarck em 1880, e, já posteriormente, acentuámos como nela se entronca o plano pan-germanista de 1895 que o chefe político do Terceiro Reich resumiu naquela sua já famosa expressão do *Mein Kampf*—o *Vernichtung Frankreich*—que é hoje, moral, política e economicamente uma realidade:— o aniquilamento da nação francesa.

Em Vichy, todas as atitudes se resumiram desde o armistício numa ambiguidade, numa oscilação de canaviaal ao vento. Ora cedendo à pressão de Otto Abetz, representante do Führer e organizador das quintas colunas francesas, durante os anos que precederam a guerra, ora defendendo-se contra o desgosto de cada vez maior do sentidíssimo punador do povo. É ine-

gável (a própria *France Libre* o reconhece) que um grupo de homens tem feito na *entourage* do marechal Pétain todo o possível para evitar o choque entre este e a opinião pública e patriótica do país. O almirante Darlan não pôde por isso mesmo levar a cabo uma acção clamorosa contra a Inglaterra. Pétain, por diversas vezes, reafirmou o compromisso de que a França não tomara armas contra a sua antiga aliada. A presença diplomática do almirante norte-americano Leahy embarçava os movimentos do outro grupo contrário àquele, que na capital da França ocupada e em Paris, se dirigia à colaboração, ou antes à fusão com a Alemanha. Esta resistência não se fez sem vítimas em toda a França. A última de larga série, foi Weygand. Flandin passou como uma sombra. A maior tem sido, porém, o povo da França, reduzido a tais sofrimentos que obrigaram os governos de Londres e de Washington a longanimidades, até prejudiciais aos próprios interesses políticos e militares da sua causa, mas que preferiram *engulir sapos*, como costumava dizer Clemenceau, a tomarem iniciativas que agravariam o padecimento torturante de dezenas de milhões de franceses inocentes e a fome.

Mas esta situação poderia manter-se?...

POR EXEMPLO



PÉTAIN

Observadores desinteressados; algumas personalidades destacantes que ainda tentaram ficar junto do marechal, amparando o seu prestígio, mas que, segundo a duas delas ouvimos, verifica ram a inutilidade das suas dedicações sacrificadas e passaram depois por Lisboa a caminho da América; depósitos de todas as procedências; informações bem aferidas de desapoiamentos, e não isentas de simpatia pela França; comunicações das próprias agências alemãs, que cuidadosamente guardámos—todas unanimemente concorrem até hoje a uma conclusão:— a posição de Vichy não poderia subsistir quando, por efeito da prolongada duração da guerra, o interesse da Alemanha exigisse para a eficácia dos seus supremos golpes ofensivos, que o governo francês passasse a colaborar nêles, ou quando as circunstâncias impusessem aos aliados uma decisão que os arrancasse à defensiva sistemática. Por outro lado, para que o marechal conservasse o seu equilíbrio instável era necessário que não procedesse a reformas ou não tomasse medidas que dividissem aqueles que de qualquer modo o acompanhavam.

Ora verificou-se este último facto por diversas vezes em matéria social, económica e política. Essas divisões evidenciaram-se sobremaneira quando ineptamente foi posta a questão da reforma constitucional. Desde 8 de Julho a 22 de Outubro do ano passado, a chamada Terceira Comissão do Conselho Nacional redigira um relatório cujo texto se conservou secreto mas cuja orientação foi conhecida na imprensa de Paris e na imprensa estrangeira. Debateram-se imprudentemente ali a questão do regime!... O discurso de Pétain ao abrir os trabalhos dessa comissão expendia concepções que traziam a nítida marca monárquica de Maurras, de há muito seu inspirador:— um chefe a governar, alguns poucos a comandarem, um número restrito de conselheiros em torno. Mas a pergunta escandalosa surdiu imediatamente:— quem escolhe os dirigentes? E logo a seguir repontou a palavra:— o rei?...

O resultado foi que uma grande parte da imprensa afecta a Vichy mas que não é totalitária, reagiu a fundo. O *Temps*, de Clermont-Ferrand, veio declarar logo que, embora a democracia seja «uma concepção aberrante, se a olharmos à luz das realidades», não é menos certo que «o povo é sempre tentado a ir atrás do mito democrático, devido à convicção, nêle fortemente enraizada, de que lhe deve toda a sua liberdade». E manifestando o receio de uma reacção popular contra um regime de totalitarismo autoritário, acrescentava: «É impossível estabelecer uma constituição sem consulta prévia à nação. As novas formas do Estado francês têm de corresponder às aspirações do país. Uma assembleia nomeada por via de autoridade, por mais bem composta e respeitável que seja, nunca será adoptada pela opinião com o mesmo favor que acolherá uma assembleia eleita». Cito apenas textos demonstrativos, com o critério de objectivar melhor a razão porque as polémicas rebentaram. A Legião dos Combatentes que é uma espécie de guarda de honra do marechal, aliou pelo *Temps* contra o doutrinador monárquico. O *Journal* cresceu sobre este a invocar a obra da república no século XIX «relinando em torno da metrópole um império de doze milhões de quilómetros quadrados». Em Setembro do ano passado os deputados e senadores eram engaiolados em Mont Doré. Quando se levantou a questão da Carta do Trabalho, as mesmas controvérsias reabriram. As questões do aprovisionamento económico da França azedaram constantemente os ânimos e as canetas. A propaganda da rádio inglesa e a numerosíssima imprensa clandestina patriótica e gaullista fizeram o resto.

Laval e o seu grupo pró-germânico de Paris assistiram ao lado de Abetz a estas disputas. O amigo pessoal e íntimo de Mussolini es-

perava a sua hora. Não é político que esqueça agravos. Nunca perdou a Maurras, a pesar da neutralidade com que este, desde o armistício, o tem tratado, o haver-lhe chamado na *Action Française* em Dezembro de 1930, Julho de 1931 e a 14 de Outubro de 1934, traficante e vendido, a propósito das licenças de exportação, das sanções e do caso Stavisky, nem perdeu memória do vexame da sua expulsão do poder, e do último atentado. Foi até por essa altura que, em declarações públicas, elle precisou o restabelecimento de uma ditadura socialista, — da qual elle seria o *Führer* ou o *Duce*, ripostaram logo os seus inimigos, repetindo um tanto os lances do famoso debate entre Talleyrand e Mirabeau...

Mas este exemplo basta para melhor se compreender a evolução dos acontecimentos que neste momento agulham a marcha da França para uma zona de temerosas interrogações — aquela mesma que os aliados têm querido evitar-lhe.

LAVAL NO PODER



L.AVAL

Nas causas próximas da crise inscreve-se, por um lado, o agravamento da situação económica, o qual, coincidindo com o novo espírito ofensivo britânico demonstrado nos bombardeamentos às fábricas e instalações industriais ao serviço da Alemanha, e com a crescente absorção dos recursos franceses para sustentação do exército e população do Reich, provocou nova agitação na opinião pública; por outro as discussões com Washington acerca dos abastecimentos e auxílios prestados por Vichy ao Reich, as quais vieram assumindo um carácter cada vez mais agudo à medida que crescia também para a Alemanha a necessidade de se assegurar das relíquias francesas antes de dar começo às suas ofensivas.

Quando à primeira ordem de factos, registemos apenas, por mais actuais, a falta de transportes, a entrega pelo menos de 50 por cento de matérias primas à Alemanha, o número crescente de fuzilamentos, o *deficit* de trigo que a 1 de Março, segundo revelou o prefeito de Marselha, subira a 5 milhões de quintais representando a perspectiva de seis semanas sem pão, a restrição dos fornecimentos americanos. Quanto à segunda, os sucessos tomaram maior vulto. No último meado de Março o marechal Pétain tornava a dar a Washington como penhor para o recebimento de auxílios, garantia de que o Eixo não tomaria conta das ilhas do hemisfério ocidental, da esquadra, das bases do norte de África e de Madagascar, em vista do que Roosevelt decidira renovar os carregamentos de géneros e outras matérias para a África do Norte. Foi nestas conferências com o almirante Leahy, que havendo este perguntado ao marechal e a Darlan se Laval regressaria ao governo, lhe foi respondido perentoriamente que não.

O quartel-general das Forças Francesas Livres publicou, porém, nos dias 6 e 7 de Abril extensos e pormenorizados relatos do auxilio militar que, segundo as suas informações, o governo de Vichy estava dando à Alemanha citando cinco mil dos seis mil aviões produzidos, motores das fábricas Hispano de Farbes e Limoges, hidro-aviões de Toulon, o trabalho nocturno nas fábricas Dodeville em Marse-

lha para suprir o desfalque de produção das Renault, de Paris, recentemente bombardeadas, a exigência da entrega de 50 mil cavalos, a chegada a Marselha de navios alemães vindos da África do Norte, a repartição de géneros alimentícios, cabendo só 25 por cento para a população francesa. E o ministério da guerra inglês declarava-se possuidor de provas de quão vultuosas importâncias tinham os fornecimentos que o Império Colonial francês enviava para a Alemanha, citando o cobalto, os fosfatos e os adubos químicos. Era patente que estas revelações mal feriam as declarações e compromissos do marechal Pétain ao almirante norte-americano. Continuava a haver uma discrepância completa entre os desejos do marechal e os factos. Em Londres congelava-se a confiança nas palavras de Vichy e em Washington acontecía outro tanto. Não surpreende, pois, que logo após, em face do que se passava, o governo dos Estados Unidos reconhecesse oficialmente a autoridade dos Franceses Livres em toda a África Equatorial Francesa, inclusive no território dos Camarões, reconhecimento que completava o anteriormente feito em Março do Movimento Gaullista como único colaborador francês na defesa das ilhas francesas do Pacifico. Um cônsul geral norte-americano era nomeado para Brazzaville.

Este incidente provocou logo um protesto de Vichy em Washington. A réplica norte-americana foi violenta. Pela primeira vez, fazia-se nela uma distinção entre o povo francês e o governo do marechal e afirmava-se que só aquele cabia decidir dos destinos da França e que os Estados Unidos não farão para o *clibertar* da escravidão. Vichy retorquiu que considerava o documento insultuoso e não o recebia.

É de crer que para esta atitude já concorría a preparação duma transformação política que estava a ser cozinhada sob as vistas de Otto Abetz, desde meados de Março. A 26 realizava-se a conferência de Laval com Pétain em Randon. A D. N. B. dava como assente a entrada em cena do famoso político. No dia 1, de Washington, informava-se que Laval exigira a chefia do governo. O *Times* dava os primeiros toques de alarme. A 8, de Berne, já se asseverava a mudança de equipa em Vichy. No dia seguinte Laval, numa entrevista ao *Matin*, perguntava se ainda era tempo de se salvar a França... Os tribunais americanos tinham mandado entregar aos refugiados franceses os seus haveres e ao Banco da Bélgica 228 milhões de dólares-ouro retidos pelo Banco de França. As garantias de Pétain ao almirante Leahy, que aliás eram apenas verbais, evoluam-se como fumo. A 14, a crise estava declarada. Os Estados Unidos ordenavam a suspensão de todos os abastecimentos para França e para a África do Norte. O almirante era chamado a Washington a título de esclarecer Roosevelt...

CONSEQUÊNCIAS E REBATES



SERRANO SUNER

Daqui por diante a política francesa deixou de ter por base as cláusulas do armistício. O governo de Vichy entrou em colaboração com a Alemanha, e a palavra colaboração significa neste caso praticamente tanto como uma aliança efectiva contra todas as nações que alinhavam por Hitler. O aconteci-

mento é dos mais transcendentales. A primeira prova da sua enorme extensão dá-a o facto de o ministro dos negócios estrangeiros de Espanha, Serrano Suñer, se haver julgado na obrigação de vir escrever no *Alcazar*, de Madrid, um artigo em que, invocando o *slogan* do combate ao bolchevismo, isto é, à Rússia aliada da Inglaterra e actual centro de gravidade da guerra, preconiza a urgente chamada de Laval ao governo francês, isto é, a adaptação imediata da política francesa e europeia à colaboração completa com a Alemanha.

A D. N. B., no dia 15, depois de, em telegrama de Madrid, transcrever com merecido relevo as palavras do ministro espanhol, traduzia o seu sentido nos seguintes e bem claros termos:

«O artigo designa a nomeação de Laval como um signo de assentimento no grande objectivo da Europa, atrás do qual todos os outros devem recuar, e que deve ser encarnado na juventude que combate a Leste contra um inimigo comum.»

Dadas as circunstâncias em que se define desde o principio da guerra a posição da Espanha, dentro de uma não-beligerância fundamentada nos interesses de Madrid no Mediterrâneo Ocidental, a intervenção de Serrano Suñer, pela sua alta qualidade, é digna de ser colocada em tão elevado destaque como a nova orientação do governo de Vichy, sem necessidade de se recordar que não há precedentes de um ministro dos negócios estrangeiros vir à imprensa comentar a política interna de outro país em plena crise.

Cessam aqui também as menções que sobre o extraordinário acontecimento da crise francesa podem ser feitas no registo dos sucessos da última oitava. O que dêles derivará, vai dentro de mês e meio aparecer à vista desarmada.

A conjuntura marca-se com um sinal decisivo.

É a hora em que em Londres se combina a nova orientação ofensiva dos aliados. É a hora em que a Alemanha vai jogar a sua múltipla cartada militar. A expressão americana *«elevator a guerra a território inimigo»*, transpôs o Atlântico nos grandes bombardeiros que descem na Inglaterra e a bordo dos navios que trazem tropas do Canadá e dos Estados Unidos à Irlanda. Já não se refere só a um ataque ao arquipélago nipónico, cuja capital foi pela primeira vez bombardeada há poucos dias e cujo governo manda apressar as fortificações da Formosa e outras ilhas do Pacifico. O incidente das negociações na Índia desfaz-se já nos ecos das palavras dos chefes das facções partidárias, uns a preconizarem como arma de resistência aos japoneses a recusa de água para beberem, outros como Gandhi afirmando que tanto valem nipões como ingleses, todos ferindo e tratando mal a nação que veio oferecer à Índia a autonomia.

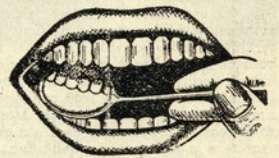
O território inimigo está também na Europa. A vinda do general Marshall a Londres foi há pouco comparada à Conferência de Brenner, entre Hitler e Mussolini, mas vai muito mais longe nos seus efeitos. James Crigg, o ministro da guerra inglês, dizia no dia 10: «vamos criar diversões onde for possível para que os russos possam sobreviver mais um verão». No verão, avisou Hitler há semanas, será a Rússia aniquilada. Os esforços dos dois blocos contendores correm parelhos. Num momento, quando menos se espere, a explosão atrozará o mundo. E a guerra entrará na fase do ser ou não ser...

16-4-942.



O SR. DR. JOÃO GASPAS SIMÕES fazendo, no Grémio Alentejano, a sua conferência sobre alguns aspectos literários do Brasil.

Gengivas sãs
Dentes fixos, sem cárie e sem piorreia



Só com PARGIL
(Produto medicinal)

e nunca com os dentífricos que, martelando na palavra «micróbios», não passam de banalidades falsamente medicinais de laboratórios de perfumarias.

PARGIL, com uma fórmula complexa (que inclui uma cultura po/microbiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara *«aisamente o halito nem se limita a evitar as doenças. Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.»*

NAS FARMACIAS E DROGARIAS

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo VIII - Tentativas de paz

2

O PLANO DOS DOZE PONTOS



Ono dia 12 de Março a Finlândia depôs as armas e aceitou as condições postas pelos soviéticos para o estabelecimento da paz. Em teatros de operações longínquas, na Polónia e na Finlândia, o Reich e a U. R. S. S. tinham marcado vantagens incontestáveis perante a passividade das nações ocidentais. Esta passividade que se revelava no terreno diplomático, estendia-se, agora, no plano militar. Os dirigentes franco-britânicos tinham pensado em organizar uma expedição para auxiliar os finlandeses, cujas dificuldades aumentavam com o decurso das hostilidades. Não puderam, porém, dar uma realização prática a essa aspiração posta, com uma vivacidade indiscreta, nos parlamentos e nos principais órgãos da imprensa dos dois países.

Esta carência de acção influiu nas capitais neutras, onde o espectáculo das vitórias alemãs e soviéticas, quaisquer que tivessem sido as circunstâncias em que se verificaram, impressionavam sobretudo pelo contraste com a inércia que se registava em Londres e em Paris. Os países escandinavos, a Holanda e a Bélgica, pelas suas condições geográficas e pela natureza particular da sua posição internacional, eram particularmente sensíveis ao espectáculo de força afirmado por duas grandes potências que, com uma rapidez desconcertante e não precisando sequer remover os embaraços que os seus adversários deviam experimentar, tinham realizado os seus objectivos de guerra.

O mês de Março de 1940 conheceu um recrudescimento da ofensiva da paz. Mas nem os seus objectivos se precisaram nem ela chegou a concretizar-se e a tomar forma definitiva. Falou-se muito, por essa altura, dum plano que visava a realização duma paz de compromisso entre o Reich e as po-

tências occidentais e que, segundo chegou a afirmar-se, teria sido provavelmente elaborado pelo Chanceler alemão. Segundo a versão corrente, esse plano correspondia, nas suas linhas gerais, ao discurso pronunciado no Reichstag em Outubro do ano anterior. Além das condições formuladas nessa altura, alargaria as cláusulas de carácter económico relativas aos Balcanos e à Europa Central, incluindo cláusulas políticas em relação a alguns dos países situados naquelas regiões. Para a execução desse plano, o Reich contaria com o apoio diplomático dos soviéticos, o qual devia constituir a contrapartida do apoio que os alemães haviam dado aos russos para a liquidação do caso finlandês.

VIAGENS DIPLOMÁTICAS

Mas se o plano dos doze pontos nunca chegou a ser revelado, a notícia da sua elaboração foi acompanhada por uma série de viagens diplomáticas de importância incontestável. O Conde Ciano deslocou-se a Berlim, onde conferenciou com diversas personalidades, Ribbentrop esteve em Roma e avistou-se com o Duce. Aproveitou o ensejo para fazer uma visita ao Papa, a respeito da qual foram postas a correr as versões mais opostas.

O Chanceler proferia, no dia 26 de Fevereiro, um discurso particularmente vibrante contra a Grã-Bretanha, no qual a França aparecia poupada. «É insupportável que um povo, como o inglês, possa dizer, de vinte em vinte anos, a um povo de oitenta milhões de indivíduos, aquilo que este último deve fazer. Não suportaremos mais uma situação semelhante e quebraremos o sistema que permite que ela exista. Acabará o terror organizado dum grupo ignóbil de plutocratas. As hienas da finança internacional foram afastadas da Alemanha. Assim como destruímos, no interior do nosso país, essa lei odiosa, assim saberemos destruí-la, para sempre, no exterior.»

O discurso do Chanceler do Reich continha, em resumo, as condições essenciais para se restabelecer a paz:

«1.º Queremos a garantia do nosso espaço vital. Por espaço vital queremos designar todos os territórios do mundo que não foram cultivados, civilizados ou valorizados pelos ingleses, mas que o foram pelos alemães. Existem ainda muitos territórios nestas condições. Pelo menos na Europa Central, a influência britânica, a pesar da sua prosperidade, nunca se fez sentir nem no passado nem no presente. Essa Europa Central é obra da Alemanha. E nesse espaço vital que queremos viver e não toleraremos que ninguém pretenda diminuir-lo.

«2.º A restituição das colónias alemãs que nos pertencem e que os plutocratas conseguiram arrancar-nos sem terem conseguido valorizá-las em benefício dos seus povos.»

Estas condições apareciam alargadas em relação às que tinham sido postas no discurso do Reichstag de Outubro do ano anterior. Mas o ataque cerrado à Grã-Bretanha, sem qualquer referência especial à França, revelava o pensamento predominante nos círculos dirigentes alemães. Dissociar os aliados occidentais continuava a ser o fim essencial da diplomacia do Reich.

A ENTREVISTA DO BRENNER

No dia 18 de Março, o Führer e o Duce encontraram-se no Brenner. O Reich completava os seus preparativos militares para a grande ofensiva da primavera e a Itália mantinha-se na posição de não belligerância, que definira no início das hos-

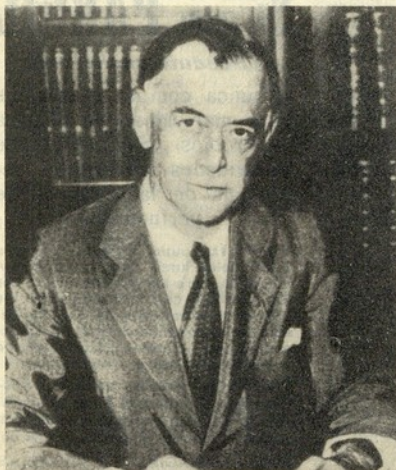


Sumner Welles

tidades, e que praticava num sentido favorável ao seu aliado do «eixo». O encontro marcou uma data capital não apenas no conjunto das relações italo-alemãs mas na evolução do conflito.

Entre a Itália e a Grã-Bretanha tinham-se suscitado dificuldades diplomáticas. Diversos barcos carvoeiros italianos que transportavam cerca de duzentas mil toneladas de combustível de origem alemã foram interceptados pelas navios ingleses que exerciam uma vigilância aturada nas águas do Mediterrâneo. O transporte de carvão do Reich para a Itália, por via terrestre, era difícil dada a carestia dos fretes e a necessidade de utilizar o material circulante para fins militares. O transporte por mar deparava com as dificuldades impostas pelas regras inextinguíveis do bloqueio. Entre os dois países arrastaram-se as negociações, que acabaram por uma solução satisfatória.

A entrevista de Brenner foi preparada no meio duma segredo significativo e realizada com um cerimonial impressionante. Era da guerra ou da paz que os dois homens de Estado iam ocupar-se mais uma vez? As possibilidades de paz, de uma paz de compromisso que sancionasse as aquisições territoriais feitas, tinham diminuído de maneira sensível. Só uma transformação profunda na política



Pittman

interna da França e da Grã-Bretanha poderia alterar o curso dos acontecimentos. Essa transformação preparava-se, mas em sentido inverso, com o fim de intensificar a guerra por parte das nações ocidentais. Em Paris, o sr. Daladier estava prestes a ceder o seu lugar ao sr. Reynaud; em Londres, o sr. Churchill devia substituir, em breve, o sr. Chamberlain. Os sinais anunciadores destas mutações de cena, em curso, não eram ignorados dos serviços de informação dos países do «eixo».

A impossibilidade de realizar uma paz de compromisso levava, automaticamente, à necessidade de fazer a guerra, com todos os riscos. Esses riscos não provinham, exclusivamente, da França e da Grã-Bretanha. Além destes países havia a U. R. S. S. A atitude desta potência tornava-se cada vez mais enigmática e própria a causar apreensões aos aliados do «eixo».

Os interlocutores do Brenner precisavam considerar, em toda a sua extensão, as consequências da derrota finlandesa, a atitude enigmática da Rússia, a vontade de continuar a guerra revelada pelas potências ocidentais e a situação delicada criada nos Balcãs. A liquidação da guerra da Finlândia fizera-se em benefício exclusivo dos soviéticos. Os russos ocupavam Hango, chave do Báltico, onde von der Goltz desembarcava em 1918. O domínio naquela mar passara às mãos dos russos. Molotov pronunciara um discurso, a propósito da celebração da paz de Moscovo, no qual recordava o litígio tradicional que separava o seu país da Roménia, a propósito da Bessarábia. A U. R. S. S. significava assim o propósito de alargar aos Balcãs a sua influência e de aproveitar as dificuldades em que os alemães se debatiam a ocidente para realizar os seus objectivos no sudeste europeu. O triângulo Roma-Berlim-Moscovo, que chegou a encerrar-se como uma possibilidade imediata, desaparecera, antes mesmo de ter começado a agir, em consequência da atitude dos soviéticos na região balcânica. O «eixo» Roma-Berlim voltava, assim, a funcionar plenamente e o concurso da Itália era indispensável para que o Reich pudesse conduzir vitoriosamente a luta.

UM DISCURSO DE ROOSEVELT

A outras diligências de certa importância realizadas, nessa altura, pelo Papa e pelo presidente Roosevelt foram, geralmente, atribuídos objectivos de paz. A Santa Sé via, naturalmente, com bons olhos o termo das hostilidades e o estabelecimento da paz. Mas desse desejo compreensível, dada a natureza da sua função, à realização duma tarefa diplomática que pudesse conduzir à sua satisfação ia uma certa distância que a diplomacia do Vaticano não quis transpor.

Quanto ao presidente Roosevelt os seus pontos de vista começaram a precisar-se nessa altura e, embora as suas referências à paz fossem claras e concretas, era evidente que a concepção do presidente norte-americano se não harmonizava com as ideias predominantes nas capitais do «eixo».

Numa mensagem radiodifundida que dirigiu ao Congresso das missões estrangeiras, em 17 de Março, o presidente Roosevelt pronunciou-se sobre a situação internacional. Depois de se ter referido aos progressos do ideal cristão, constatou que o mundo vivia, de novo, numa época em que se procurava a divisão dos homens e das nações, opondo-as umas às outras. Roosevelt acrescentou que a paz que derivava da oposição entre as nações nada tinha de comum com os ideais americanos que vivem, sobretudo, da sua base moral. «A paz durável, declarou o presidente, não pode derivar da opressão, da fome e da crueldade. A vida humana não pode ser subjugada pela força das armas. Não pode haver uma paz sã, desde que as pequenas nações sejam obrigadas a viver no receio permanente dos seus vizinhos poderosos. Não pode haver paz moral desde que os pequenos povos não estejam garantidos contra a invasão. Não pode haver paz inteligente desde que não haja a troca de ideias que permite aos homens construir as bases do seu destino comum. Não pode haver paz equitativa desde que se abandone o culto de Deus».

Estes princípios, especialmente na parte em que Roosevelt punha o problema fundamental das pequenas nações, da sua independência e da sua segurança estavam em contradição com a concepção do espaço vital, afirmada para a Europa Central e para os Balcãs, no discurso do Chanceler alemão de 24 de Fevereiro. Com esta oposição era a rivalidade germano-americana que começava a desenharse e que depois havia de avultar no conjunto das relações internacionais.

A MISSÃO DE SUMNER WELLES

Entretanto desembarcava na Europa, onde devia permanecer durante largas semanas, o emissário dos Estados Unidos, Sumner Welles. Pela sua categoria oficial — tratava-se do subsecretário de Estado para os negócios estrangeiros, colaborador directo e indigitado sucessor de Cordell Hull — e pelas suas qualidades pessoais, o emissário norte-americano, foi recebido nas capitais europeias que visitou, Londres e Paris, Berlim e Roma, com todas as de-



Bullitt

ferências. Quais eram os verdadeiros objectivos da sua viagem? Tratava-se de uma sondagem preparatória da paz de compromisso encarada pelas potências do «eixo»? Era essa uma das versões postas a circular a propósito da sua visita. Ou, pelo contrário, a sua missão consistia em encorajar as potências ocidentais, incitando-as a uma resistência, a todo o transe, e deixando entrever aos seus dirigentes a possibilidade dum auxílio eficaz dos Estados Unidos? Não faltava quem se inclinasse para admitir esta última hipótese que vários factos posteriormente ocorridos, e especialmente as missões desempenhadas pelo coronel Donovan nos países balcânicos e no Próximo Oriente, tornam inteiramente verosímil.

A viagem de Sumner Welles revestia-se dum duplo aspecto: o aspecto de política interna e o aspecto de política externa. Ambos tinham importância, mas enquanto o primeiro jogava com dados imediatos, o segundo referia-se a perspectivas ainda nessa altura distantes mas que depois vieram a ter uma espectacular confirmação.

O aspecto de política interna referia-se, antes de mais nada, à necessidade de esclarecer a opinião pública norte-americana, perturbada pela avalanche de notícias contraditórias e da acção oposta dos organismos de propaganda interessados. O sentimento nacional, ao menos pelo que dizia respeito a uma apreciável maioria dos seus cidadãos, inclinava-se, nos Estados Unidos, a favor das nações ocidentais. Mas a corrente isolacionista era então



Cudahy

bastante forte para contrariar eficazmente aquela tendência. Além disso, os Estados Unidos, na iminência dum prolongamento do conflito, precisavam saber se poderiam manter-se alheios às suas repercussões e, no caso de a sua intervenção se precipitar, quais as condições em que ela se faria. Um outro aspecto de política interna que não era estranho à missão de Welles dizia respeito à eleição presidencial que devia realizar-se naquele ano e da qual dependia toda a vida pública do país.

O aspecto de política externa de que se revestia a missão de Sumner Welles não era menos importante. O presidente Roosevelt e os seus mais directos colaboradores na Administração não viam com bons olhos a perspectiva duma paz prematura que não lhos dadas as divergências fundamentais que se tinham afirmado entre as grandes potências europeias. A esse respeito, nem os seus actos políticos nem as suas declarações solenes permitiam que os interessados alimentassem quaisquer dúvidas ou ilusões. Enviando à Europa uma personalidade da categoria de Sumner Welles o presidente norte-americano significava, claramente, o seu propósito de se não alhear das questões do nosso continente e de contribuir para a sua liquidação dentro dos princípios de ordem geral que, por mais duma vez, tinha exposto pormenorizadamente. Esta interpretação, a única que se ajustava às realidades derivadas da viagem do enviado norte-americano, explica que o sr. Sumner Welles tivesse em Londres e Paris, onde a sua acção se desenvolvia num ambiente de simpatia compreensível, um acolhimento mais caloroso do que aquele que lhe foi reservado nas capitais das nações do «eixo».

OS DIPLOMATAS AMERICANOS

O mutismo que conservou em todos os seus contactos com os representantes da imprensa denunciava a importância e a gravidade da missão do



Kennedy

sr. Sumner Welles. A viagem que este realizou despertou uma curiosidade justificada. Quando ela terminou, o presidente da comissão senatorial dos negócios estrangeiros, Pittman, declarou, com certo orgulho: «Podemos agora afirmar que o nosso emissário não cometeu a mais pequena falta».

Interrogado sobre o assunto na sua habitual reunião com os jornalistas, o presidente Roosevelt deu as seguintes informações sobre a viagem e os seus objectivos: «Welles não assumiu, durante a sua viagem pela Europa, nenhum compromisso. Também não formulou qualquer proposta. Em nenhuma das capitais que visitou lhe entregaram propostas de paz ou de qualquer outra natureza. Não existem, de momento, possibilidades de estabelecer na Europa uma paz justa, estável e durável. As informações que recebemos do nosso enviado são, sem dúvida, de grande valor para nós. Mas só poderão ser utilizadas quando as circunstâncias permitirem que seja restabelecida a paz a que me referi».

A viagem de Sumner Welles reduzia-se, assim, às proporções de uma larga viagem de informação que devia permitir aos dirigentes norte-americanos fazerem um balanço fundamentado das realidades europeias. E os diplomatas norte-americanos acreditados nas capitais do nosso continente? As suas opiniões dividiam-se e os seus relatórios para o Departamento de Estado reflectiam essa diversidade de critérios. A acção desses diplomatas encaixava-se, por enquanto, mal esclarecida. Alguns deles como o antigo embaixador em Berlim, Dodd, e o embaixador em Paris, William Bullitt, eram intervencionistas ou, pelo menos, tinham a opinião assente de que os Estados Unidos devia contribuir abertamente

para o combate às nações do «eixo», outros como o embaixador em Londres, Joseph Kennedy, e o ministro em Bruxelas, Cudahy, inclinavam-se para o lado da tese isolacionista. A sua opinião era influenciada, sobretudo, pelo espectáculo de força revelado pela existência duma poderosa máquina militar no Reich e pela impreparação dos países ocidentais. Uns e outros vieram, depois, a desempenhar um papel preponderante na campanha para a reeleição presidencial. Todos abandonaram a actividade diplomática embora não tenham abandonado a política.

UM MEMORANDO ECONÓMICO

Antes de regressar ao seu país, o sr. Sumner Welles, devidamente esclarecido sobre o que se passava e o que se preparava na Europa, entregou aos chefes políticos responsáveis do Reich, da Itália, da Grã-Bretanha e da França um memorando económico cujas linhas gerais eram as seguintes:

«1.º As relações internacionais e económicas são o fundamento indispensável do bem-estar e duma paz durável entre as nações. O comércio internacional não pode alcançar esse fim, de uma forma eficaz, desde que não seja permitido a todas as nações participarem normalmente dos recursos do mundo inteiro e não apenas daquêles que se encontram confinados nas suas próprias fronteiras e encontrar mercados para o excesso da sua produção sobre a base dum tratamento indiscriminado.

«2.º O comércio internacional não pode prosperar desde que as correntes de trocas sejam perturbadas ou dificultadas por tentativas de acordos bilaterais exclusivos ou discriminatórios. Também não pode prosperar se essas correntes forem prejudicadas por



Cordell Hull

barreiras de tarifas excessivas, de arranjos quantitativos ou do «controle» dos câmbios. Esses obstáculos são instrumentos de guerra económica. As experiências recentes demonstraram o seu efeito destruidor que recai sobre o comércio internacional, o custo de vida em cada nação e o bem-estar económico de todas as nações perante a animosidade, a hostilidade e, por fim, os conflitos internacionais.

«3.º Se, no fim da guerra actual, quisermos reconstruir o mundo em bases de estabilidade e de paz, eliminando a origem de conflito e abrindo caminho à prosperidade económica, os métodos actuais de comércio internacional terão de ser reconstruídos também em bases sãs. Para isso torna-se necessário: a eliminação gradual das barreiras excessivas que se erguem nas fronteiras nacionais; a aplicação, não discriminada, do princípio de nação mais favorecida nas relações económicas internacionais; a transformação da política actual nos domínios do crédito e dos câmbios.

Estes princípios de ordem geral não eram ignorados na Europa. Os Estados Unidos não eram, decerto, pelo seu passado, a nação mais indicada para recomendar a sua aplicação. Mas a viagem do sr. Sumner Welles encontrava assim a sua justificação oficial no plano económico quando era, evidentemente, de assuntos políticos que principalmente se ocupava o subsecretário do Departamento do Estado.

(Continua)

(Rigorosamente proibida a reprodução, mesmo parcial).



O SR. PIERRE MONTEL, vice-presidente da Municipalidade de Lyon, fazendo uma conferência na Câmara Municipal de Lisboa.

← O SR. DR. GINO SAVIOTI fazendo, no Instituto de Cultura Italiana, a sua conferência sobre «Lectura Dantis» — S. Francisco.

O CEGO DE NASCENÇA

Por Stuart Carvalhais



— Ora vamos lá ver que tal me corre hoje o dia... Estou aqui há meia hora e ainda não vi nada de jeito...

— Coitado! Tome lá... Já há muito tempo que cegou?
— É de nascença, minha rica senhora...

— Deus me perdõe, mas tenho a impressão de que este homem não é cego. Sempre quero ver para onde ele vai tão desembaraçado.

— Então o senhor é cego e vem-se meter no cinema!?
— Ai, minha rica senhora, que tristeza a gente não ver. E eu a julgar que me tinha metido na camioneta para Queluz.

Beatriz Costa vai à Califórnia com Carmen Miranda



O último retrato de Beatriz Costa tirado em Portugal, a bordo do barco que a levou para o Rio de Janeiro.

A notícia veio publicada, em primeira mão, numa revista do Rio de Janeiro e correu depois, glosada de várias maneiras, pelos jornais e postos de rádio do Brasil. Assim mesmo: Beatriz Costa, prepara as malas e, de braço dado com Carmen Miranda, segue, em breve para a Califórnia, onde vai trabalhar e passar a «season» — como disseram, primeiros, os ingleses; depois, os americanos; e agora, por solidariedade, os brasileiros.

Transmitimos a informação com prazer, não só por se tratar dum novo êxito duma artista portuguesa (não são muito vulgares, como se sabe, as apresentações dos nossos artistas na América do Norte), mas também porque essa artista se chama Beatriz Costa, um nome que Lisboa estima e Portugal inteiro conhece.

Vimo-la partir há longos meses, há anos já. Com o interesse que só nos podem merecer os artistas que muito apreciamos, seguimos todos os seus passos em terras da outra banda do Atlântico: a sua carreira brilhante nos teatros do Rio, de S. Paulo, de Santos e d'outras cidades; a sua passagem pela Urca e por



Beatriz Costa, interpretando uma figura regional portuguesa, tal como se apresentou numa revista exibida no Brasil.



— Como é que tu adivinhaste que êle finha 30 anos?...
— É que tenho um irmão que é meio parvo e tem 15...

(Desenho de Stuart)

outros grandes casinos; as suas «tour-nées» pelo interior do país; o seu salto à Argentina; a sua revelação como cantora da rádio.

Lemos, com redobrado interesse, informes que nos chegavam da sua vida: a história espectacular do arranha-céus, a lenda da casinha do mórro; o escândalo do processo movido por um empresário, após o desastre que sofreu num teatro.

Soubemos da sua actuação num filme de Chianca de Garcia. Ouvimos a sua voz nos discos gravados no Brasil. Gostamos das suas novas canções postas ao jeito do folclore brasileiro, sem sotaque artificial. Lemos que ia agora voltar mais uma vez a um dos grandes teatros do Rio, à frente duma companhia luso-brasileira, ao que se diz.

Lemos, soubemos, ouvimos — e não o fizemos sem sentir certas saudades dessa garota traquina que enchia um palco e tinha alegria e talento e um dia se foi embora, nunca mais pensando em regressar.

Pois é verdade. Beatriz não perde o seu tempo. Depois da América do Sul — a do Norte. Antes de partir, quiz fazer declarações à imprensa, como

qualquer grande figura internacional que se presa. Eis o que ela disse e aqui reproduzimos:

— Entre os meus projectos futuros, tenho um que me entusiasma imenso. Posso já revelá-lo, porque tudo se prepara para que êle se realize: Devo ir à Califórnia — e muito breve. Tive uma troca de cartas e telegramas com um empresário de lá. Mantenho também correspondência assídua com a minha amiguinha Carmen Miranda. Irems juntas a Hollywood. Ficarei depois uma temporada na Califórnia. O negócio já estava mais ou menos resolvido no fim do ano pasado, mas o rompimento entre os Estados Unidos e o Japão e os acontecimentos posteriores vieram trans-tornar-me os planos. Julguei ter perdido a oportunidade.

«Mas agora as coisas retomaram o ritmo primitivo. E, por causa desse negócio, que julgo óptimo e suponho já assunto arrumado, tive de recusar alguns contratos no Rio e outros para Guarujá e Curitiba.»

Ficámos a saber das amizades entre Beatriz e a portuguesíssima Carmen — Maria do Carmo, nada e criada até aos 10 anos em Vila Nova de Famalicão ou lugarejo dos arrabalde, segundo dizem as más línguas.

Sabemos também do seu novo as-

(Continua na pág. 12)



SINAL

A REVISTA QUE TÔDA A EUROPA LE

À venda o n.º 7 — Um volume de 48 páginas profusamente ilustrado

Páginas a cores

Exemplar: ESCUDOS 2\$00

Distribuição de: AGÊNCIA INTERNACIONAL

119, Rua de S. Nicolau — Lisboa



INSTANTANEO CURIOSO: Um avião americano aterriza em plena estrada.

FALA-SE ESTA SEMANA DE...

DR. AUGUSTO DE CASTRO



Grande nome do jornalismo contemporâneo, director do «Diário de Notícias», escritor e conferencista eminente, autor duma obra literária de projecção internacional, que foi escolhido para iniciar a série de conferências culturais sôbre o Brasil promovidas pelo Secretariado de Propaganda Nacional, através da sua Secção Brasileira — uma das modalidades de intercâmbio entre os dois países previstas no acôrdo, assinado no Rio de Janeiro, em Setembro findo, por António Ferro e Lourival Fontes. Augusto de Castro, figura de primeira grandeza nas letras portuguesas, diplomata e realizador, que foi membro da Embaixada Especial ao Rio de Janeiro, vai falar de «Juventude e esplendor do Brasil». A conferência slectua-se no dia 30.

D. LUCIA INFANTE DE LA CERDA MONTEIRO



Espôsa do sr. dr. Armindo Monteiro, embaixador de Portugal em Inglaterra, que há dias, em Londres, perante grande multidão, que aplaudia entusiasticamente o acto, ficou a ser a «madrinha» duma ambulância oferecida por seu marido à Cruz Vermelha britânica. Esta ambulância foi adquirida com o produto duma subscrição aberta entre o pessoal português e britânico da casa Hudson, Ltd., da Africa Ocidental Portuguesa. Além da aquisição da ambulância, o pessoal daquela firma concorreu com a quantia de 200 libras esterlinas para a sua conservação. A nova ambulância vai servir numa casa de repouso de Norfolk.

R A F A E L M A R Ç A L



Escritor que já em «Os Marçais de Fozcoa» se manifestara um investigador erudito e prosador de mérito e que acaba agora de publicar um livro de grande oportunidade e interesse intitulado «Episódios da História de Inglaterra». São dez episódios ligeiros, escritos em linguagem cuidada, pelos quais prepassa toda a história da Grã-Bretanha, desde o seu começo até aos nossos dias. Rafael Marçal relata, neste seu livro, com primores de evocação, acontecimentos passados na corte inglesa que, no seu conjunto, constituem valiosas achegas para uma História descritiva da grande nação imperial. Tal como os «Marçais de Fozcoa», «Episódios da História de Inglaterra» vai constituir, certamente, um êxito literário.

L E Ã O P E N E D O



Escritor de grandes qualidades, cujos méritos já se haviam revelado em vários trabalhos anteriores e que publicou agora um novo livro, «Multidão», que é, cremos, o primeiro romance original de Leão Penedo. O autor, que trabalhara já numa série de adaptações de obras cinematográficas, não se mostrara ainda o romancista seguro, cheio de vigor literário e emotivo, que nos surge em «Multidão» — um livro que foi recebido com os maiores e melhores aplausos da crítica. De Leão Penedo, um novo nas lides literárias, do seu talento e do seu engenho, muito há a esperar em obras futuras.

O cinema sob o signo da guerra

Alexandre Korda

o realizador da "Batalha de Trafalgar" fala á "Vida Mundial Ilustrada"

POR FERNANDO FRAGOSO

ALEXANDRE Korda, produtor e realizador de alguns dos melhores filmes que correm nas telas mundias, passou há dias em Lisboa. O homem que nos deu «A Vida Privada de Henrique VIII», «Vende-se um Fantasma», «As Quatro Penas Brancas» e a recentíssima «Batalha de Trafalgar», vai a caminho da América. Londres e Hollywood continuam a ser os dois polos da sua actividade. A posição de excepcional relêvo que conquistou na indústria americana, por um lado, e os interesses sentimentais e materiais que o ligam à cinematografia inglesa, por outro, forçam-no ao continuo vai-e-vem entre os dois Continentes. Alexandre Korda habituou-se de tal maneira a estas escalas por Lisboa — é a terceira ou quarta vez que se demora no nosso País — que está seriamente resolvido, segundo nos disse, a aprender o português, na previsão de novas estadias na capital...

Encontrava-se em Londres, desde o começo do ano. Foi para ali, directamente, a bordo de um dos bombardeiros da R. A. F., construídos na América. Quatro horas, de Montreal à Terra Nova. Sete horas, da Terra Nova às Ilhas Britânicas.

— Não pode dizer-se que seja uma viagem de turismo... Voámos sempre a grande altitude, com uma temperatura de dezenas de graus abaixo de zero. Mas o frio suporta-se bem, couraçado como eu ia, com um traje igual ao dos aviadores: um «macaco», forrado de pele e, sobre este, uma veste de feltro, com a espessura de uma mão traveira... Na cabeça, além de tudo o mais, a máscara de oxigénio...

O homem que impulsionou, de forma decisiva, o cinema britânico; que lhe deu categoria e projecção internacional; e que construiu, em Denham, os mais modernos estúdios europeus, fala, com admiração, dos últimos filmes britânicos:

— A guerra domina o cinema, como é natural. Quasi todas as películas se baseiam em figuras e factos da actual conflagração. Noel Coward, por exemplo, dirige e interpreta, neste momento, «In wich we serve», que se inspira num episódio emocionante da batalha de Creta. É a odisseia do «Torrin», um «destroyer» simbólico, cuja dramática acção o cinema nos conta em imagens dum vigor admirável. Para este filme, construiu-se, no «plateau», em tamanho natural, segundo os modelos do próprio Almirantado, um barco igual ao «Kelly», que se celebrou no «raid» a Narvique e nas águas da Grécia. É impressionante a reconstrução. E não deixa de ser pitoresco ver um grande barco, com todos os seus apetrechos e armamento, ali, em seco — num estúdio, que parece um gigantesco arsenal.

Interrogamo-lo sobre o filme que Anna Neagle nos disse que ia interpretar, consagrado à memória da malograda Amy Johnson. Korda fala-nos d'êlo, com entusiasmo:

— Está praticamente concluído. Intitula-se «They Flew Alone». Pelo que vi, posso assegurar-lhe que se trata duma película de invulgar interesse. O interesse, afinal, de todas as obras que

dade, já lhe falei. E quando forem apresentados, em Portugal, os filmes a que aludi, terá ocasião de verificar que a guerra, longe de impor restrições ao cinema, sob o aspecto que interessa à categoria e ao valor da produção, lhe imprimiu características que o valorizam como documento humano. O cinema, arma de propaganda, esteio moral e espiritual das populações beligerantes

«Chegar a Londres». Agora poderia dizer-lhe, de forma idêntica: «Chegar a Hollywood». No entanto, para não iludir a sua curiosidade cinematográfica, acrescentarei que penso transportar para a tela «A Guerra e a Paz», de Tolstoi.

E como adivinhasse certa surpresa, Alexandre Korda acrescentou, à guisa de justificação:

— Bem vê!... No fundo e, por vezes, na forma, a guerra napoleónica parece-se muito com a guerra actual...

Inquirimos das repercussões da conflagração mundial, em Hollywood:

— Os estúdios da Cinelândia continuam a produzir. A chamada às fileiras de alguns técnicos e artistas afectou, porém, transitóriamente, o seu rendimento. É natural que, num futuro próximo, os Estados Unidos se vejam compelidos a realizar menos filmes. Mas não abdicarão, por certo, dos grandes espectáculos, que são, afinal, aqueles que compensam... O esforço de guerra e a batalha da produção dominam todas as actividades. O cinema foi mobilizado. Deixou de ser a Sétima Arte, e passou a ser, como disse alguém, a Sétima Arma.

E a atestar as suas palavras, a ilustrar o esforço de guerra de que nos falou, Alexandre Korda relatou-nos a visita que fez a uma fábrica de aviões, cujas oficinas têm cerca de três quilómetros de extensão. «Num dos extremos, os operários montam as duas primeiras peças do avião. Uma vez reunidas, passamos a outro grupo, que lhes acrescenta outra peça mais. E, assim, sucessivamente... No extremo oposto, ou seja no termo desta cadeia, apresenta-se, de hora a hora, um piloto, que toma o seu lugar no avião acabado, e levanta vôo imediatamente, para os primeiros ensaios»...

Vamos descendo a Avenida. Está um dia lindo. Alexandre Korda fala, com entusiasmo, da grande artéria citadina, que êle considera uma das mais belas do mundo. Enquanto caminhamos, procura-se um «taxi» livre...

— Na Inglaterra, é a mesma coisa. Encontrar um «taxi» é tão problemático e tão falível, como profetizar a carreira dum filme, que ainda não está pronto...

E Alexandre Korda, comunicativo, e influenciado, sem dúvida, pelo contraste do ambiente que o rodeia, evoca Londres: — Onde quer que estejamos, há sinais dolorosos dos bombardeamentos aéreos.

E olhando a Avenida, que se desdobra, na sua perspectiva luminosa, até aos Restauradores, acrescentou:

— Na «City», há extensões assim, onde se não vê uma casa de pé. Portugal pode estar orgulhoso da Paz, que merece. E só para respirarmos a quietude e a serenidade, numa tarde como a de hoje, vale a pena vir a Lisboa e esperar muitos dias pelo «Clipper», que, por vezes, nos faz desesperar pelo tempo que demora...



Alexandre Korda

evocam, ante os nossos olhos, as imagens dos que deixaram rasto no mundo...

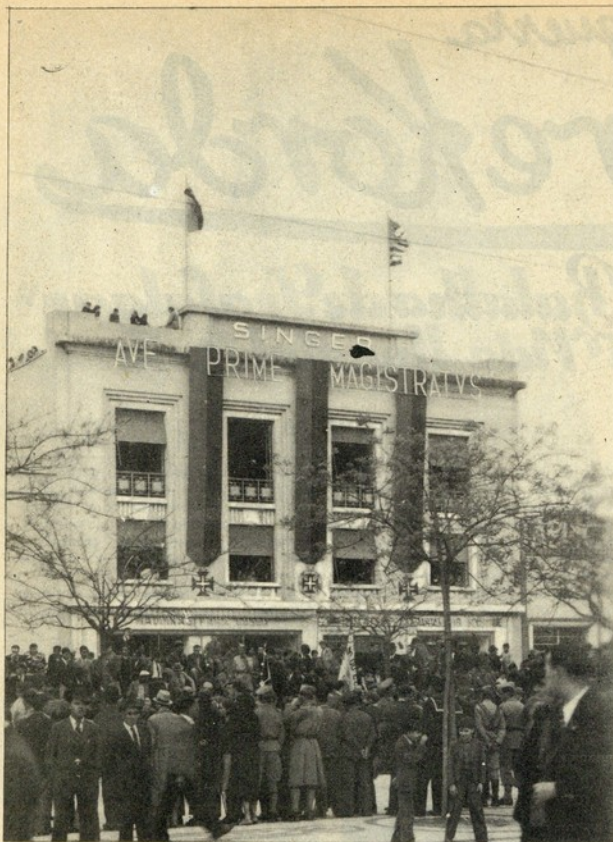
Outro filme, outro título que diz tudo: «One of our Aircraft is missing», a história dum avião que se perdeu... Alexandre Korda refere-se ainda, elogiosamente, a «First of the few», a biografia de R. J. Mitchell, o homem que desenhou os «Spitfires», os mais velozes «caças» do mundo.

— Como vê — conclui o nosso entrevistado — o cinema inglês continua a produzir em quantidade. Da quali-

dade, não poderia, em caso algum, ser sacrificado.

É tempo de interrogarmos Alexandre Korda sobre os seus projectos. Sabemos que «The Jungle Book», a sua última produção, recém-estreada em Nova Iorque, foi um êxito. Trata-se da versão cinematográfica, em technicolor, da obra célebre de Rudyard Kipling. A nossa pergunta, o cineasta de «Revolta na Índia» e de «Cavaleiro sem armas», responde:

— Quando saí da América, todos os meus projectos se resumiam nesta frase:



Entre as decorações feitas em edifícios particulares no dia do juramento do sr. Presidente da República, foi muito notada, pelo seu bom gosto, a da fachada da Companhia Singer.

OS PRÉMIOS DO CONCURSO DE "A ESFERA MISTERIOSA"



No sábado passado — como havíamos anunciado no número anterior — efectuou-se na Redacção de «Vida Mundial Ilustrada» uma reunião para atribuição dos prémios do concurso que efectuámos entre os nossos leitores sobre o folhetim policial de Max Felton, «A esfera misteriosa».

Compareceram, accedendo ao convite que aqui lhes foi feito, muitos concorrentes habilitados aos prémios, justificando-se a ausência dos outros por residirem fora de Lisboa.

Ao sr. José Severino da Silva, cabo do mar da Costa da Caparica, foram entregues os nove volumes de Joelson que constituíam o 1.º prémio, visto ter sido ele o único concorrente que respondeu, com exactidão, às três perguntas formuladas no Concurso.

Como, para o 2.º e 3.º prémios, estivessem habilitados, respectivamente, 14 e 34 concorrentes, houve que tirar à sorte entre eles quais os que receberiam os livros que havíamos oferecido. Isso se fez, com a aprovação de todos os concorrentes presentes ao acto. O mais novo de todos — Fernando Bento, residente na Avenida João Crisóstomo, 139, 4.º — encarregou-se de tirar à sorte os nomes dos premiados. E a sorte coube aos srs. José Gonçalves, de Castelo Branco, e Diamantino Ferreira, da rua Dr. Alvaro de Castro, 6, 1.º-Di., em Lisboa, a quem os respectivos prémios foram também já entregues.

O director de «Vida Mundial Ilustrada», que recebeu os concorrentes, felicitou os premiados e procedeu à entrega dos prémios. A foto que reproduzimos acima mostra-nos um aspecto tirado na ocasião, vendo-se os concorrentes numa das salas da nossa redacção.

BEATRIZ COSTA

(Continuação da pág. 9)

pesto fisionómico — o jornalista brasileiro informa-nos que ela cortou definitivamente a franja. E não resistimos a transcrever este outro trecho da sua entrevista que deve ser fiel relato, pelos termos e pelo entusiasmo do descriptivo:

— Sabe? Ando a fazer as minhas despedidas pelas cidades dos outros estados. Cheguei há dias do Pará. Fui e voltei de avião. Ai, que rica terra! Que coisa encantadora! Os paraenses são muito hospitaleiros, muito bons rapazes. E encontrei lá muitos patricios. Sabe? Bati um «records!» Representei aqui num festival que terminou quasi às duas horas da manhã. Fui para casa a correr, arranjei as malas; às 6 horas dei um salto fora da cama e às 7 tomava o avião para Belém do Pará. E, à noite, estreeva-me. E, não é para me gabar, mas foi um sucesso. Ai, que rica terra! Tudo gente muito boa!

São assim os êxitos de Beatriz. Não nos admira nada se a vimos qualquer

dia, sair do avião na Califórnia, correr direitinha para Hollywood, «com a sua amiguinha Carmen Miranda», e apreciar em vedeta dum novo filme que tanto pode ser «Sinfonia do Ribatejo», como «Uma noite em Alfama» ou «Férias no Estoril»...

Ela é capaz de tudo. Não lhe falta vontade, nem à-vontade. E se não, vejamos como o jornalista do Rio descreve o final da entrevista:

«Deu uma reviravolta e encaminhou-se para a porta. Acompanham-na. E, à despedida, desfechou-nos:

— Bye, bye... Good luck!

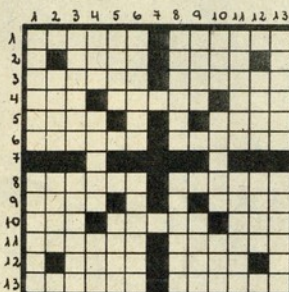
E, depois, num sorriso explicou: — Não faça caso. Ando a treinar-me para «me defender» na Califórnia».

E assim mesmo. Estamos a vê-la, no fim do seu primeiro espectáculo, na América do Norte, a agradecer os aplausos do público e a gritar:

— Good bye babies! Till tomorrow!...

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 21



Dr. Digoeder

VERTICAIS: 1 — Porá; Bôca; 2 — On; Rã; Ao; Ol. 3 — Limar; Fiara. 4 — Axe; Rir. 5 — Ria; Aza. 6 — Só; Rã. 8 — Cã; Al. 9 — Ali; Rop. 10 — Mã; Era. 11 — Irmão; Piais. 12 — De; Un; Ae. 13 — Oael; Luar.

HORIZONTAIS: 1 — Viração; Queda. 2 — Submeter; Longe. 3 — Barco chato e pequeno, usado no norte do Minho; Espécie de sanguineiro. 4 — Interj. Bras. (Serve para mostrar ironia); Espécie de musselina que vem da Índia; Tratar levemente de algum assunto. 5 — Traje antigo dos romanos; Terra pantanosa. 6 — Género de insectos coleopteros pentâmeros; Dar coices. 8 — Barricada; Espécie de cabo náutico. 9 — Atrélam; Mercê. 10 — Grande número indeterminado; Espécie de peixe de água doce; Caminha. 11 — Preconizar; Pássaro dentirostro africano (pl.). 12 — Lecione; Canudo de folha para guardar papéis. 13 — Sábios ou doutores de leis entre os Turcos; Espécie de lenço usado pelos romanos para limpar a bôca e o suor do rosto.

VERTICAIS: 1 — Aspecto; Larva de certos insectos. 2 — Anagrama de Oxas; Sob condição. 3 — Estimulo; Parecer comercial. 4 — Instipido; Antigo traje de camponês; Procede. 5 — Tronco de coluna sem base nem capitel; Expia. 6 — Dizia-se entre os antigos da embarcação que só navega junto da costa; Arvore que produz estoraque (pl.). 8 — Censura; Sustento. 9 — Asas; Ligar. 10 — Ou; Cada um dos furos com argolas no rodizio dos moinhos; Arvore frutifera, espécie de viti. 11 — Retesar; Agourar. 12 — Furta; Fantasia. 13 — Onerar com dividas; Caso julgado.

Solução do problema n.º 20

HORIZONTAIS: 1 — Polar; Amido. 2 — Onixis; Clarea. 3 — Meio; Aiém. 4 — Ars; Aul. 5 — Ar; On. 7 — Ai; Pã. 8 — Bot; Iel. 9 — Arar; Aera. 10 — Coriza; Loriga. 11 — Alara; Pãs.

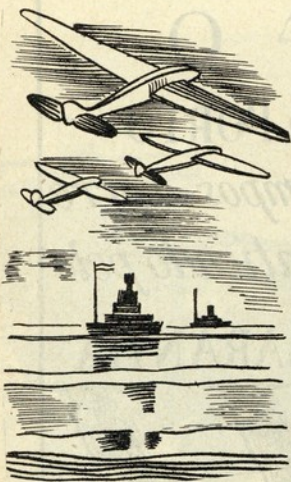
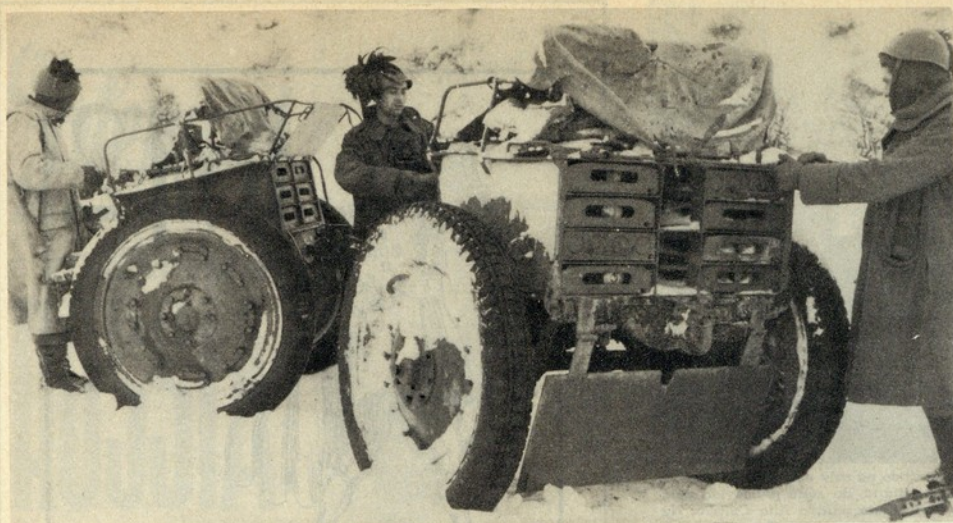


PO DE ARROZ ATOMISADO

Nada há mais arreliento que o lustro da nariz, motivado pela suadação ou qualquer outra causa epidémica. Os pó de arroz vulgares, de grão embora minúsculo, além de empastarem com facilidade, causam a dilatação dos poros numa acção lenta e invisível que só vêm a mostrar os seus efeitos às vezes anos depois. MOUSSINE D'ARGY é o pó de arroz reduzido a átomos, partículas imponderáveis que o tornam tão leve que flutua no ar como diáfana nuvem. A sua finura é tal que ninguém dirá que se usa pó. Além de atomizada por um processo secreto e patentado, MOUSSINE D'ARGY é vitamínado, isto é, contém ainda os poderes estimulantes dos produtos do Dr. Charpy, as vitaminas alimentares da pele.

MOUSSINE D'ARGY, em artísticas caixas — modelos de Paris — prepara-se em tons para todas as nuances de pele.

Imagens da **ITALIA** na guerra



EM CIMA: Uma seção de tropas italianas dirigindo-se, com as suas secções motorizadas, para novas posições; à direita, o equipamento das forças italianas



À ESQUERDA: Soldados italianos enchendo latas com gasolina num dos sectores da bacia do Donetz; em cima, uma acção da infantaria expedicionária italiana, através duma planície coberta de neve, 20 graus abaixo de zero.



O PROF. REINALDO DOS SANTOS pronunciando na sala nobre do Automóvel Clube a sua conferência de extensão universitária, da série promovida pela Faculdade de Letras, com o patrocínio do Instituto para a Alta Cultura. Na mesa de honra, vêm-se os srs. dr. Araújo Jorge, embaixador do Brasil, prof. Gabriel Pinto Coelho, vice-reitor da Universidade, e dr. Oliveira Guimarães.



O SR. DR. RAMADA CURTO repetiu recentemente no Ateneu Comercial a conferência que, sob a título «Velocidades», pronunciou há dias no Clube dos 100 à Hora. A foto que publicamos mostra-nos um aspecto da assistência.

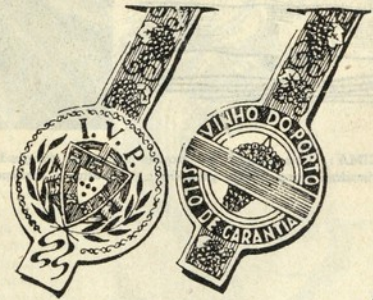


A SOCIEDADE «A VOZ DO OPERÁRIO» efectuou na sua séde uma sessão solene comemorativa do centenário de Antero. Sobre a figura do grande poeta, fêz uma conferência o sr. prof. dr. Vieira de Almeida, que se vê na foto.



1942

O
VINHO do PORTO
*dos velhos tempos—corre
o País autenticado pelo*
SÊLO de GARANTIA



CONTRA TODAS
AS QUEIMADURAS

APYROL NÃO É UM CREME, É
UM PRODUTO MEDICINAL



APYROL

A venda na Farmácia
Estácio — Rossio e em
todas as boas farmá-
cias e drogeries

Os alemães na campanha da RUSSIA



EM CIMA: Tropas de choque alemãs avançam levando um aparelho de T. S. F. EM BAIXO: Soldados de engenharia do Reich reconstruindo uma ponte destruída pelos russos.



EM CIMA: Um soldado alemão dos serviços de comunicações; à esquerda, o general de cavalaria Lindemann, condecorado com a Cruz de Cavaleiro e comandante dum exército, inspeciona as posições da frente de Leninegrado.

A ESFERA MISTERIOSA

Grande romance policial do escritor americano

Max Felton

Especial para *Vida Mundial Ilustrada*

C

HARLES Read regressou a casa bastante fatigado das comissões intensíssimas desse dia. Giovanni, o criado italiano, esperava-o, com uma certa ansiedade.

— Que há? — perguntou-lhe o polícia, lendo a impaciência estampada no seu rosto.

— Telefonaram umas poucas de vezes à sua procura — disse o criado.

— Quem era? — inquiriu Read, deixando-se cair num «maple».

— Era «miss» Maud King. Queria falar, com toda a urgência, a «mister» Read. Deixou recado para que o senhor lhe telefonasse logo que chegasse, a qualquer hora. Precisa de lhe falar o mais rapidamente possível. Recomendou inúmeras vezes que não me esquecesse de lhe dar este recado.

Jack Harman viu aflorar aos lábios do seu colega um sorriso enigmático.

— «Miss» Maud tem então muita pressa de me falar... — disse Read, entre dentes, como se mastigasse as palavras. — Muito bem... Eu também tenho alguma pressa.

Jack Harman, que se mostrava mais nervoso, parecia irritado com os vagares e a calma que o seu amigo vinha mostrando, desde que se dirigira para casa de Crisnam Raicar, onde, em tão pouco tempo, as investigações haviam progredido tanto. Queria vê-lo mais apressado, agora que se encontrara pista segura por onde caminhar e no momento em que havia ainda muitos pontos a esclarecer.

— Lembra-te — disse ele — de que nada sabemos da trajectória da esfera desde que ela foi parar às mãos de King, para desaparecer e tornar a aparecer agora, inesperadamente, em casa do milionário.

— Sim, ainda há muita coisa a esclarecer — disse Read, em voz repousada. — Nada percebemos ainda do desaparecimento de Judy Gordon. Fugiu? Morreu? Foi raptada? Nada sabemos. Quem furtou a esfera a John King? Nada sabemos. Quem restituiu a esfera? Nada sabemos.

— Não te parece que uma entrevista com Maud lançará uma luz muito útil sobre esses problemas? — perguntou Jack.

— Tenho a certeza disso — afirmou o polícia.

— Então, trata de lhe telefonar.

— Temos muito tempo — disse Read. — Não nos precipitemos, porque poderemos esturrar o assado no momento em que ele está apurando.

Jack não pôde reprimir um gesto de impaciência, que provocou um sorriso ao seu colega, e disse:

— Oxalá não venhas a perder com esse teu descanso o terreno que hoje ganhamos.

— «Roma e Pavia não se fizeram num dia» — retorquiu-lhe Charles Read. — Já hoje ficámos esclarecidos acerca de muita coisa que ignorávamos ou de que duvidávamos. Temos hoje a certeza de que até ao momento da esfera ir parar às mãos de Judy Gordon não houve senão um ladrão, que é Raicar, e um só roubado, que é o marajah. Sabemos ainda que Judy Gordon não fur-

tou a esfera ao indú, mas a recebeu d'este como lembrança de amizade. É de crer que John King não nos tivesse mentido, ao afirmar que comprara a esfera a Judy. Mas a verdade é que, a partir daqui, a pista se perde. Esfera e Judy mergulham numa espécie de mistério. A reaparição da esfera, agora, em casa de King, nada nos diz sobre o local onde ela tem estado. Suspeito, mas isto é apenas uma suspeita sem grande fundamento, que a esfera, desde que entrou em casa do milionário, nunca mais de lá saiu. A atitude de «miss» Maud, pedindo-me para abandonar as investigações e reclamando agora com tanta urgência a minha presença, deve ter qualquer ligação com o desaparecimento da esfera. Estou mesmo convencido de que, dentro de pouco tempo, teremos este

— murmurou o polícia, erguendo-se do «maple» e dando alguns passos lentos através do gabinete. E repetiu, como se falasse consigo mesmo: — Estamos muito perto da caça. Convém que não a espantemos com algum gesto imprudente...

— Creio que a nossa missão está quasi finda — disse Harman. — Basta-nos fazer com que a esfera roubada seja restituída ao seu dono legítimo. Para isso, podemos servir-nos de Marly que pode telegrafar ao marajah. O resto são pormenores de somenos. Que nos importa a atitude de King no meio de tudo isto? E como poderemos descobrir o paradeiro de Judy, se a polícia já empregou todos os seus esforços, sem resultado? As investigações sobre a esfera estão praticamente terminadas. Nada mais temos a fazer do que re-

— É o que te digo.

— Mas em que te baseias para fazer tal afirmação?

— Em coisa nenhuma — respondeu, muito calmo, o polícia. — Mas o mistério que envolve o desaparecimento de Judy pode fazer-me supor os acontecimentos mais tenebrosos.

— Quem sabe se ela a esta hora não estará a rir-se dos cuidados e dos trabalhos que nos merece?... — exclamou Harman.

— Talvez. E também é possível que a sua situação no meio de tudo isto mereça todos os nossos esforços e trabalhos.

— Parece-me que, no momento, em que o problema se encaminha para uma solução simples e clara, é que tu te empenhas em embulhá-lo, complicá-lo — censurou Jack. — Creio que nos resta apenas ouvir Maud, que provavelmente esclarecerá o que nos falta saber, e exigir a John King a restituição da esfera a quem de direito.

— Talvez os próprios acontecimentos te obriguem a modificar a opinião — disse, sorrindo, o polícia. E mudando de tom, acrescentou: — Liga para Maud King.

Jack Harman apressou-se a obedecer, aproximando-se do aparelho telefónico e pedindo um número. Enquanto se estabelecia a ligação, inquiriu:

— Queres falar-lhe em seguida?

— Quando ela estiver ao telefone.

— Alô?... — pronunciou Jack.

...

— Desejava falar a «miss» Maud King.

— Fala de casa de «mister» Read.

...

— Muito obrigado — disse Harman.

E tapando o bocal, disse para Charles: — Vão comunicar-lhe. — Destapando bruscamente o bocal: — É «miss» Maud

...

— Aqui, Jack Harman, o ajudante de «mister» Read. Ela acaba de chegar e pergunta se tem alguma comunicação urgente a fazer-lhe.

...

— Nesse caso, eu vou chamá-lo ao aparelho. Queira esperar um momento.

Fêz sinal a Charles e entregou-lhe o aparelho. Read, tomando o auscultador, pronunciou:

— Aqui, Charles Read. É «miss» Maud?

King?

...

— Recebi o seu recado, agora mesmo. Há alguma novidade?

...

— Já sei que o aparece. Mas isso não impede que o ladrão da esfera esteja preso.

...

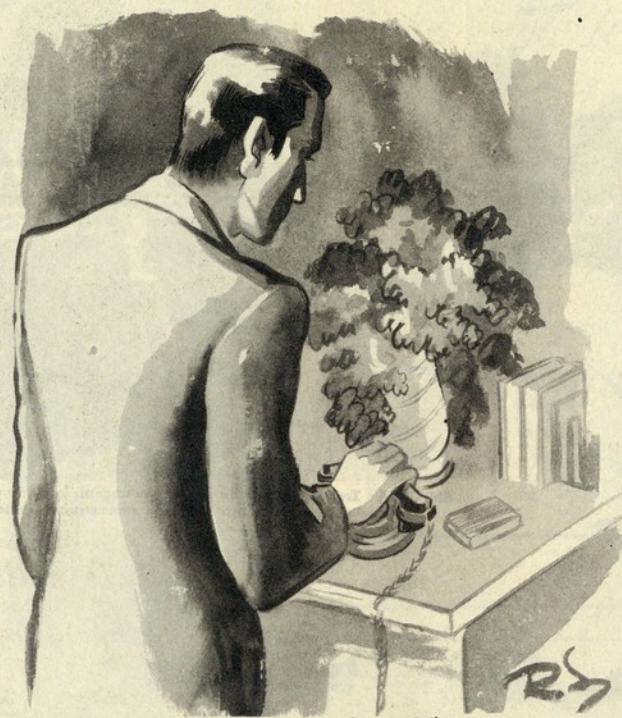
— Não houve ladrão? Isso é o que lhe parece, «miss» Maud... A esfera tem uma história, que «miss» Maud ignora. Antes de ir parar às mãos de seu pai, passou por outras mãos.

...

— Eu sei que seu pai a comprou. Foi uma transacção lícita. E quem lhe vendeu também o podia fazer, porque a recebera como lembrança, como dádiva de outra pessoa. Ora, é essa outra pessoa que está presa, porque a tinha roubado.

...

— Acha extraordinário, porque não conhece os factos no pormenor. Nem



Decorreu um momento de expectativa...

ponto do problema perfeitamente a claro e, talvez com consequência, logremos rasgar o véu que envolve Judy Gordon, e, simultaneamente, compreendamos a atitude de John King.

«Este quando me telefonou a participar o aparecimento da esfera, disse-me que era inútil prosseguir nas minhas investigações; como eu lhe dissesse que estas iam adiantadas pareceu contrariado. Talvez tema que eu tenha ido demasiado longe...»

Depois de desfiar estes raciocínios, Charles Read remeteu-se a um silêncio meditativo, como se, de súbito, lhe tivesse surgido uma ideia que totalmente o absorvesse.

— Bem, que tencionas então fazer? — inquiriu Jack Harman.

— Estamos muito perto da caça...

clamá-la a John King. Ele não terá outro remédio senão entregar-ta, em nome da Lei. E terá muita sorte se não tiver mais algum dissabor.

— Vês as coisas com uma simplicidade quasi infantil — redarguiu Charles Read. — Achas, então, que o caso fica arrumado com o aparecimento da esfera... Não vês que, no turbilhão da passagem desse objecto mágico por Nova Iorque, foi Judy Gordon arrastada não se sabe para onde? E que enquanto ela não aparecer o caso da esfera de aço permanece tenebroso e por resolver? Não, não simplifiquemos as coisas, até ao ponto de deixarmos passar pelas malhas da nossa negligência um provável crime e um possível criminoso.

— Que?!

eu lhos posso contar, assim, pelo telefone. São demasiado longos. Descanse que oportunamente eu irei contar-lhos pessoalmente.

— Não conclui as investigações, mas pouco falta para isso.

— Nada receie, porque eu adivinhei a sua situação no meio de tudo isto. «Miss» Maud não está em causa.

— Compreendo que não me queira dar essas explicações pelo telefone. Eu irei ouvi-la pessoalmente.

— O mais depressa possível, não se impaciente.

— A seu tempo tudo ficará esclarecido: a sua situação e a de seu pai.

— Até breve, «miss» Maud. Fico inteiramente à sua disposição.

Charles Read pousou o auscultador no descanso. Jack Harman, que seguira todo aquele meio diálogo com viva ansiedade, inquiriu:

— Então?

— Quere falar-me a propósito da aparição da esfera — respondeu o «detective». — Diz que só ela pode explicar o caso e que, portanto, não devo preocupar-me com mais investigações. Quando lhe disse que o ladrão da esfera estava preso ia caindo das nuvens. Não compreendia como podia haver um ladrão. Eu adivinhei-lhe o pensamento. Maud perguntava a si mesma como podia haver um ladrão da esfera, se esta estivera, desde que King dera por falta dela, oculta em local que só ela conhecia. Não me disse isto, mas eu adivinhei-o. Sim, porque, afinal, ninguém furtou a esfera a John King. Devia ter sido Maud, possivelmente de combinação com a mãe, que a ocultou. Vendo que o caso se complicava, resolveu fazê-la aparecer novamente. A esfera nunca devia ter saído de casa do milionário.

— É esse também o meu pensamento — concordou Jack Harman. — Foi por isso que há pouco te disse que o melhor é darmos as investigações por concluídas. Tratemos de apreender a esfera a John King, e pensemos noutro assunto.

— Lá iremos... — proferiu Charles. — Temos que proceder com método, para não espantar a caça. Há no meio de tudo isto um grande problema ainda a resolver.

— Judy Gordon?

— Sim, Judy Gordon — confirmou o polícia. Harman encolheu os ombros, como se o enfiasse a obsessão do colega. — Enfim, fazê-la o que entenderes... — murmurou ele. — Oxalá, com as tuas demoras, não estragues o trabalho realizado.

— Não estrago — disse, convicto, o «detective». — Pelo contrário, quero caminhar pelo seguro. — E acrescentou: — Liga agora para George Marly.

Jack lançou-lhe um olhar desconfiado, como se receasse que Charles não estivesse bom de cabeça, e objectou:

— Em vez de corrermos já a casa de King, para nos apoderarmos da esfera, ainda vais perder tempo em conversas com o inglês.

— Não, vou ganhar tempo. Fazê-la essa ligação.

Jack Harman obedeceu, visivelmente mal humorado.

— É do Continental? — pronunciou ele, ao aparelho.

— Queira ligar para os aposentos de «mister» George Marly.

Decorreu um momento de expectativa.

— Dize-lhe que tenho uma comunicação muito importante a fazer-lhe — recomendou o polícia, enquanto o outro esperava a ligação.

— Alô? «Mister» Marly? — pronunciou Harman.

— Aqui, Jack Harman. Queira dar atenção, que «mister» Read tem uma comunicação muito importante a fazer-lhe. Um momento.

O «detective» tomou o aparelho e acomodou-se no «maple», depois pronunciou:

— Aqui, Charles Read.

— Quero ter a honra de lhe comunicar que as investigações de que nos incumbiu estão concluídas.

— Muito obrigado pelas suas felicitações e permito-me endereçá-las também a «mister» Marly.

— Já está em meu poder a verdadeira fórmula de aço.

— Crisnam Raicar está na cadeia.

— Não o mandei prender por causa da fórmula. Havia outros motivos mais poderosos. É que ele roubou a esfera que o senhor tinha dado ao marajah, além disso raptara uma irmã de Judy Gordon, que, felizmente, já regressou ao seu lar. Como vê não faltavam motivos para o meter na cadeia.

— Não quero levar tão longe a minha acusação. A princípio, também suspeitei d'ele. Agora começo a admitir que ele não tem culpas no desaparecimento de Judy.

— Essas suspeitas guardo-as comigo, por enquanto.

— Desejava que me fizesse um obséquio.

— Avisar telegraficamente o marajah de que a esfera apareceu e o ladrão está preso. Que responda se quere vir buscá-la pessoalmente ou se o autoriza, por telegrama, a guardá-la.

— Conviria telegrafar-lhe hoje mesmo. Amanhã teríamos cá a resposta.

— Muito bem. Quanto à fórmula está inteiramente ao seu dispor. Hoje mesmo lha posso levar.

— Muito bem. Sigo imediatamente para aí. Até já...

Cortou a ligação.

— Ainda vamos perder tempo com uma visita a Marly — resmungou Jack Harman.

— Descansa, homem! — exclamou Charles Read, dando no ombro de Jack uma palmada amigável. — Ainda hoje vamos a casa de John King. E levamos connosco uma excelente companhia.

— Quem?

— George Marly. Ele tem mais autoridade do que nós para reclamar a esfera ao milionário.

Harman esboçou um sorriso mais contente e disse:

— Agora começo a entender-te. — E acrescentou: — Não perderemos, antes disso, o nosso tempo à procura de Judy?

— Mas é à procura de Judy que eu vou agora! — exclamou Charles Read.

— Não percebo... — murmurou Jack. Não percebia naquele momento. Percebê-lo-ia mais tarde.

(Continua)

“His Master’s Voice”



APRESENTA



NOVOS DISCOS DE DANÇA

Com as ultimas novidades inglesas e americanas

As melhores orquestras de jazz
As músicas de maior sucesso

**Hot Jazz
Swing**



VISITE HOJE MESMO OS
Estabelecimentos
Valentim de Carvalho
RUA NOVA DO ALMADA. 95-97
LISBOA

A VOZ DE LONDRES

BBC

Fala e o mundo acredita

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
13,15	Noticiário	G R Z 13,86 m. (21,64 mc/s)	
		G R U 31,75 m. (9,45 mc/s)	
13,30	Actualidades	G R V 24,92 m. (12,04 mc/s)	
22,00 (*)	Noticiário	G R X 30,96 m. (9,69 mc/s)	
		G S B 31,55 m. (9,51 mc/s)	
22,15 (*)	Actualidades	G R T 41,96 m. (7,15 mc/s)	

(*) Este período de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Cria o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.

A' venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.

Vida MUNDIAL Ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS para Portugal Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º — Telefone 2 6942. VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Vida MUNDIAL Ilustrada

CALCADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

VAI havendo por Lisboa muitas senhoras que já sobem para os «eléctricos» com êles em andamento. Sobem—e descem. Quere dizer: certas mulheres resolveram praticar um desporto que, até há pouco, estava reservado aos homens ágeis. As paragens fizeram-se logicamente para que os carros parem e os passageiros subam ou desçam. Há homens e mulheres que pretendem contrariar a lógica. Os homens fazem mal insistindo em tal propósito. As mulheres, sobretudo, as mulheres bonitas—digo-o embora com malévolo interesse—acho, em boa verdade, que fazem bem. Já o afirmava um velho epicurista: —«Não há prazer para um homem sério que valha o de apanhar nos braços uma mulher bonita que escorrega!»

AFONSO XIII

COMO sabem Afonso XIII, numa das suas viagens a Paris, foi vítima dum atentado. O presidente Loubet apressou-se a felicitá-lo, pedindo-lhe, ao mesmo tempo, que não guardasse qualquer rancor contra a França.

—De forma alguma—respondeu o rei de Espanha.—O que me aconteceu faz parte dos riscos da profissão. Garanto-lhe, senhor presidente, que voltarei a Paris com o maior prazer...

—Talvez incógnito, não?—sugeriu Loubet.

—Incógnito eu?—exclamou o rei—Como é possível viajar incógnito com a minha cara!

PONTUALIDADE

UMA tarde de domingo, Mistinguett, finda a «matinée» arranjava-se à pressa para sair. De repente um relógio bateu as sete horas. Logo a famosa vedeta comentou:

—Fiquei de me encontrar com Chevalier às seis e meia. Afinal ainda tenho muito tempo...

85 ANOS I

GUILHERME Pereira de Carvalho, que acompanhou António Ferro na sua última viagem ao Brasil, contou-me esta cena eloquente. Um dia o escritor Gustavo Barroso convidou-os, a António Ferro e a êle, para jantar. Nessa noite conheceram o pai do illustre escritor brasileiro, homem de 95 anos, duma jovialidade de espirito incomparável. Jantou como um rapaz de vinte anos e, findo o jantar, recitou de memória, perante o justificado assombro dos dois portugueses, cento e tantos versos dos *Lusitadas*—sem a mais pequena hesitação.

CONSELHOS

O sr. Conselheiro Bastião da Veiga, verdadeiro repositório de aneddotas, contou-me há dias:

—Uma ocasião o célebre bispo de Bailey foi procurado por um homem que, julgando-se atraído pela mulher, se permitia pedir ao illustre prelado que a chamasse e lhe exprobase o seu procedimento. O bispo ouviu, ouviu e acabou por aconselhar o visitante: —«Nestas coisas às vezes o melhor é ainda o silêncio. Antes ser Cornelius Tácitus do que Publum Cornelius...». E o homem concordou.

REGISTO LITERÁRIO

O meu excelente camarada Eduardo Dias, homem viajadíssimo e que sempre me dá a impressão de que traz o mundo no bolso do colete, enviou-me o seu último livro *Harem*. É uma colecção de contos muçulmanos que a sua pena converteu em excelentes novelas portuguesas. Não perde tempo quem ler o volume. Transcrevo a dedicatória que ele traçou no livro que me enviou: «Este *harem*, em consequência da actual falta de carne, apresenta fantasmas de odaliscas». Já é muito bom!

CANTO

UMA artista de opereta lembrou-se —imaginem de quê?— de aprender canto. Sempre que entrava a professora, o marido, que sofria de asma, saia invariavelmente.

—Porque é que tu saís sempre de casa quando eu vou dar lição?

Logo êle:

—Para não imaginarem na rua que sou eu que estou a cantar!

VOLTAIRE E DEUS

VOLTAIRE encontrou, um dia, certo petiz e perguntou-lhe, apontando-lhe uma macleira carregada de belos frutos:

—Dou-te tódas estas maçãs se me disseres uma coisa: onde está Deus?

O petiz olhou o poeta e respondeu-lhe, numa vaga inconsciência:

—E o senhor é capaz de me dizer onde êle não está?

Voltaire franziu o nariz e afastou-se sem dizer palavra.

DR. ORLANDO MARÇAL

DUMA admiradora do nosso velho amigo dr. Orlando Marçal e que se assina simplesmente *Maria*, recebemos, com o pedido de publicação, algumas quadras que, com o maior prazer, inserimos em lugar de honra.

EVA E O CABELO

UMA mulher quando encontra o seu primeiro cabelo branco, sorri; quando encontra o segundo, corta-o; quando encontra o terceiro—pinta-o.

BISMARCK NO BAILE

O famoso chanceler alemão assistiu uma noite a um baile. Examinando os assistentes viu, com surpresa que, entre êles, estava Kohlmeier, seu alfaiate. Entabularam conversa. A certa altura Kohlmeier confidenciou ao chanceler:

—A festa está animada. O que é pena é a assistência não ser das mais escolhidas...

Bismarck sorriu e comentou:

—Que quere, meu amigo? A sociedade, infelizmente, não se compõe apenas de alfaiates!

A TEIA

—PORQUE se chamará teia à parte do tribunal reservada aos membros da justiça e às pessoas que intervêm na sua administração?

—É simples—responderá o menos ironista dos condenados.—Chama-se teia porque é ali que se enredam as coisas...

O ALBARDEIRO

CONTAVA Gomes Leal que uma ocasião certo peralvilho perguntou a um albardeiro se o officio era rendoso. O homem não hesitou na resposta:

—Se o governo decretasse o uso da albarda para todos os asnos, ninguém fazia fortuna como eu!

NUMA AULA

UM dos alunos para outro:

—*Cigano* escreve-se com c ou com s?

—Com s porque está no plural...

Luís S. Oliveira Martins

ORLANDO... MAVIOSO!



Tenho o teu retrato em frente, Onde de branco, vestal, Sorris, Orlando Marçal, Com alegria inocente,

O teu retrato esplendente, E deveras caprichoso!... —Oh! sonho maravilhoso, Julgo ver nitidamente

Analiso o teu olhar Tão meigo, tão sedutor, Firme, terno, encantador, —Raio d'homem, a brilhar.

O teu lábio purpurado A procurar, de mansinho, P'ra oscular devagarinho, Fôlhas de papel selado,

Teu cabelo, um negro mar, Todo revólto no meio, Põe-me no peito um anseio De t'o mandar barbear.

Perdoa as trovas mesquinhas Que te envio de Lisboa: Mas como és de Fozcoá, Quis fazer-te estas foquinhas!

MARIA



(Centro Rádio Imperial da «EIAR»)

NOVO HORÁRIO

**NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS**

Horas de Portugal	ESTAGÕES	m.	Kc/s
8,50	Noticiário { 2 RO 6	m. 19,61	Kc/s 15,300
	{ 2 RO 4	m. 25,40	Kc/s 11,810
12,15	Comunicado { 2 RO 17	m. 15,31	Kc/s 19,590
de guerra	{ 2 RO 7	m. 16,88	Kc/s 17,770
16,30	Noticiário { 2 RO 17	m. 15,31	Kc/s 19,590
	{ 2 RO 7	m. 16,88	Kc/s 17,770
	{ 2 RO 6	m. 19,61	Kc/s 15,300
21,10 e 23,10	Noticiário { 2 RO 22	m. 25,10	Kc/s 11,950
	{ 2 RO 4	m. 25,40	Kc/s 11,810
	{ 2 RO 3	m. 31,15	Kc/s 9,630
	{ 2 RO 11	m. 41,55	Kc/s 7,220
		m. 263,20	ondas medias
		m. 221,10	ondas medias
24,	noticiário { 2 RO 6	m. 19,61	Kc/s 15,300
	{ 2 RO 19	m. 29,04	Kc/s 10,330
	{ 2 RO 18	m. 30,74	Kc/s 9,760

**CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA
(às quartas e domingos)**

21,10 (às quartas)	m. 25,70	Kc/s 11,695
21,20 (aos domingos)	m. 30,25	Kc/s 9,830

**LIÇÕES DA UNIVERSIDADE RADIOFÓNICA ITALIANA
(às terças, quintas e sábados)**

15,35	2 RO 11	m. 41,55	Kc/s 7,220
	2 RO 22	m. 25,10	Kc/s 11,950



O GOVERNADOR DA ILHA DE MALTA felicitando, pelo êxito da sua tarefa, o comandante da defesa do porto de La Vallette. (Foto «Britanov».)



O PALACIO DOS CORREIOS de Helsinquia, na Finlândia bombardeado pelos russos.



O SUBMARINO JAPONÊS de dois lugares utilizado no ataque a Pearl Harbour.

Os melhores
Ateliers
Gráficos
do País

**BERTRAND
IRMAOS, L.^{DA}**

T. DA CONDESSA DO RIO, 27 LISBOA. TEL. P.B.X. - 21227
21368



UM SOLDADO AMERICANO chega à Inglaterra — um dos muitos soldados expedicionários que os Estados Unidos enviaram para ali, afim de colaborar com o exército inglês em futuras operações, as quais, depois da visita do general Marshall à Grã-Bretanha, são motivo de grande expectativa.